

# **Reforma Protestante: As Contribuições do Protestantismo nos Campos da Ética, da Educação, da Economia e das Artes Visuais.**

## **Relatório Técnico Científico**

Prof. Dr. Marcelo Martins Bueno<sup>1</sup>

### ***1. A Reforma Religiosa do Século XVI***

Afirmar que a Reforma Religiosa trouxe uma série de modificações com alterações expressivas para a sociedade do século XVI é ponto pacífico, porém considerar que tais influências ainda repercutem no século XXI é um grande desafio que esse projeto de pesquisa procurou demonstrar. Assim, buscou-se compreender e verificar seu legado a partir de certos temas que de maneira geral são fundamentais para a verificação da sua influência na sociedade contemporânea, o campo educacional, as artes, a ética e a economia. Por esses caminhos, é possível percorrer e identificar a presença dos valores reformados na sociedade atual.

As tendências para a reforma se tinham notado por muitos anos, mas podemos afirmar que a Reforma nasceu em 31 de outubro de 1517, quando Martinho Lutero (1483-1546) afixou as suas 95 teses a porta da Igreja de Todos os Santos na cidade de Wittemberg, Alemanha, contra a doutrina de venda de indulgências da Igreja Católica. A doutrina de Lutero chegou em boa hora, pois havia um vivo interesse dos povos teutônicos em sacudir o jugo do papa em suas terras e seus negócios.

O movimento espalha-se pela Alemanha e a igreja convoca a dieta de Worms, (1521). Na Dieta Lutero se defende afirmando "que é terrível para o homem agir contra a sua própria consciência" (ad temporal). Lutero é condenado pelos representantes da igreja e protegido pelos príncipes dos estados alemães. Lutero sai da Dieta supra para uma prisão domiciliar onde dedica o resto da sua vida a tradução da Bíblia Sagrada para o alemão, feito este que o consagra como o pai daquele idioma.

---

<sup>1</sup> Professor Pesquisador Líder. Demais docentes pesquisadores: Antônio Máspoli de Araujo Gomes, Paulo Rodrigues Romeiro e Ricardo Bitun. Discentes bolsistas: Fernando Luiz Cazarotto Berlezzi e Ruth de Paula Marques.

Da Alemanha rapidamente a Reforma espalhou para outros países da Europa. Na Suíça chega pela eloquência de Ulrich Zuínglio (1484-1531). Este declarou-se contra toda doutrina religiosa que não se podia provar na Bíblia Sagrada. A Suíça ávida pela sua independência apoiou Zuínglio. Os cantões católicos declararam guerras aos cantões protestantes. Na batalha de Cappel, (1531) na qual os protestantes foram derrotados, Zuínglio foi morto. A partir de 1536, João Calvino assume a liderança da Igreja Suíça.

A reforma se espalha como um rastilho de pólvora pela Europa. Na Dinamarca, na Noruega e na Suécia chega movida por interesses políticos mais que religiosos. Na Boêmia e na Áustria tem igual aceitação. Na França, que sempre afirmou sua independência em relação ao papa ganha adeptos inclusive na alta nobreza como o Almirante Coligni e o rei de Navarra. Nos Países Baixos, a reforma assume claras feições calvinistas e na Inglaterra avança sob os interesses de Henrique VIII. Todavia será em Genebra na Suíça que a Reforma encontrará em João Calvino a sua melhor tradução.

O objetivo geral deste projeto consistiu em resgatar a memória da influência da Reforma Protestante do Século XVI na sociedade moderna e contemporânea especificamente nos campos da ética, da educação, da economia e das artes visuais.

## **2. *Cosmovisão e ética protestante***

A cosmovisão que traduz os valores e até mesmo a ideologia de um determinado povo ou grupo social é a base para a construção da ética e da moral destes. A ética, derivada do grego *ethos* é teórica, e se constituiu no conjunto de princípios que traduzem a vontade moral de um grupo social específico. A ética pode ser definida também como o estudo crítico da moralidade. Consiste na análise sistemática da natureza moral humana, incluindo aqueles padrões que a sociedade considera certo ou errado e suas implicações para as atitudes morais do indivíduo. Já a moral, derivado do grego *moris*, é essencialmente prática, é a tradução ou aplicação do conjunto de valores éticos numa situação social concreta. É em última análise o valor regulador das relações interpessoais, que contribuem para a edificação das relações e dos contratos sociais estabelecidos entre os indivíduos, grupos ou instituições. Um código de ética, portanto, é uma explicitação dos princípios éticos de um grupo e sua aplicação prática na conduta do indivíduo no seio de uma determinada comunidade. De forma resumida pode-se afirmar que Ética e moral aqui compreendidas da

seguinte forma: A ética está associada ao estudo fundamentado dos valores morais que orientam o comportamento humano em sociedade, enquanto a moral são os costumes, regras, tabus e convenções estabelecidos por cada sociedade. **Moral** é o conjunto de regras aplicadas no cotidiano e usadas continuamente por cada cidadão. Essas regras orientam cada indivíduo, norteadando as suas ações e os seus julgamentos sobre o que é moral ou imoral, certo ou errado, bom ou mau. **Ética** é um conjunto de conhecimentos extraídos da investigação do comportamento humano ao tentar explicar as regras morais de forma racional, fundamentada, científica e teórica. É uma reflexão sobre a moral.

### **2.1. A ética em João Calvino**

João Calvino, francês da cidade de Noyon, nasceu em 10 de julho de 1509 e faleceu em 27 de maio de 1564 em Genebra, Suíça. Um dos pilares da Teologia Reformada e formado em Direito era conhecido como um humanista clássico. De família humilde, porém com certa ascensão social decorrente das alterações socioeconômicas ocorridas no final do século XV que fizeram surgir à burguesia comercial, João Calvino se aproximará da nobreza e adquirirá sua cultura e seus valores. No ano de 1536, publicou sua obra denominada *Institutio Religionis Christianae*, em que apresenta a vida cristã e a fé com base nas Sagradas Escrituras e que se tornou uma referência da Reforma.

Em João Calvino as questões éticas aparecem de forma embrionária. É necessário um esforço hermenêutico para uma melhor sistematização do seu pensamento neste campo. Pode-se tomar como exemplo a ética do trabalho. Segundo Febvre (2002) Calvino considerava todos aqueles que trabalhavam como operários de Deus. Possivelmente seguindo a lógica luterana sobre a vocação que considerava esta como todo o trabalho religioso ou não que fosse realizado para a glória de Deus. Os trabalhos de Biéler (1990) e Prades (1966) são tentativas de compreender a ética calvinista do trabalho, a partir da perspectiva weberiana.

Álvaro L. M. Valls declara que ética é daquelas coisas que todo sabe o que são, mas que não são fáceis de explicar, quando alguém pergunta. Valls comenta ainda:

Tradicionalmente ela é entendida como um estudo ou uma reflexão, científica ou filosófica, e eventualmente até teológica, sobre os costumes ou sobre as ações humanas. Mas também chamamos de ética a própria vida, quando conforme aos costumes considerados corretos. A ética pode ser o estudo das ações ou dos costumes, e

pode ser a própria realização de um tipo de comportamento (1986, p. 7).

Adolfo Sánchez Vásquez afirma que ética é a ciência do comportamento moral dos homens em sociedade. Ou seja, é ciência de uma forma específica de comportamento humano. Ética vem do grego *ethos*, que significa analogamente “modo de ser” ou “caráter” enquanto forma de vida também adquirida ou conquistada pelo homem. Assim, portanto, originalmente, *ethos* e *mos*, “caráter” e “costume”, assentam-se num modo de comportamento que não corresponde a uma disposição natural, mas que é adquirido ou conquistado por hábito (2017, p. 23, 24).

Rodrigo Franklin de Sousa afirma que a ética se orienta para a busca de como viver bem:

Ou seja, a ética não se preocupa apenas com o que as pessoas de fato adotam como valores morais, mas com quais valores (independentemente de já serem adotados por uma comunidade dada ou não) podem contribuir para que alcancemos o que mais adiante aprenderemos a chamar de o bem maior ou o bem comum. A ética reflete sobre condutas e práticas que promovam a otimização da vida em sociedade. Isso implica dizer que ela é uma reflexão necessária, elementar e fundamental no contexto do convívio coletivo. A reflexão ética nasce quando nos deparamos com questões implicadas com a manutenção de um bom convívio interpessoal (SOUSA, 2016, P. 26, 27).

## **2.2. Ética Cristã**

A ética sempre tem relação com a conduta humana. O Novo dicionário de Teologia afirma que o objetivo específico da ética cristã é relacionar um entendimento de Deus com a conduta dos homens e mulheres e, mais particularmente, usar da resposta a Deus que Jesus Cristo requer e torna possível (FERGUSON, 2011, p. 393).

A ética cristã é oriunda da Bíblia Sagrada, desde a narrativa bíblica da criação, o chamado a obediência, o mandato para que o ser humano cuidasse da natureza, a instituição da família e o chamado a adoração. O decálogo expressa as normas dos bons relacionamentos entre as pessoas e com Deus. Os reis de Israel sofriam as consequências de suas ações pecaminosas. Quando um rei desobedecia, toda a nação padecia. Os profetas denunciaram as mazelas da vida pública e privada, condenando a corrupção nos tribunais e a opressão dos pobres e vulneráveis, sempre conclamando o povo para uma vida de submissão a palavra de Deus.

O Novo Testamento apresenta a ética de Jesus no sermão do monte, nas suas parábolas e no seu modo de agir. O amor ao próximo é destacado de forma enfática. O inimigo deve ser alvo do amor cristão. A perfeição é um objetivo a ser perseguido, pois o Pai celestial é perfeito (Mateus 5.48). Posições similares são encontradas nos demais livros do Novo Testamento. Paulo exorta a comunidade cristã a produzir o fruto do Espírito tais como amor, alegria, paz, paciência, amabilidade, bondade, fidelidade, mansidão e domínio próprio, atitudes ou posturas que promovem uma convivência benéfica (Gálatas 5.22). João foi enfático ao afirmar que a pessoa que odeia o próximo é homicida (1João 3.15).

### **2.3. Ética Calvinista**

João Calvino nasceu em Noyon, na França em 1509. Aos catorze anos de idade, depois dos estudos preliminares em sua cidade, foi estudar latim e os clássicos na Universidade de Paris. Estudou Direito em Orléans e Bourges entre 1528 a 1531. Depois de voltar a Paris, estudou Humanidades. Sua primeira obra foi um comentário sobre a *De Clemencia* (Sobre a clemência), de Sêneca.

Não se sabe ao certo quando aconteceu sua repentina conversão, o que o levou da advocacia para o estudo da Bíblia. Em 1536, publicou na Basileia a primeira edição de sua *opus magna*, a *Institutio Christianae Religionis* – A Instituição da Religião Cristã, seguindo o modelo do *Catecismo Menor* de Martinho Lutero, publicado em 1529. Alderi Souza de Matos comenta que esta obra demonstra o profundo conhecimento bíblico de Calvino e as influências que recebeu de Agostinho, Lutero, Zuinglio, Martin Bucer, entre outros. Assim, o pensamento teológico de Calvino apresenta algumas características:

1. Conteúdo bíblico – apesar de sua formação humanística, ele rejeitou a teologia natural e especulativa, optando pelas Escrituras como o caminho mais seguro para o conhecimento de Deus.
2. Abrangência – à luz da Bíblia, o reformador procurou não só abordar todos os temas da teologia, mas um vasto conjunto de questões éticas, políticas, econômicas e sociais.
3. Respeito pela herança Cristã – Calvino se dispôs a aceitar todos os elementos proveitosos da tradição dogmática e exegética da igreja antiga.

4. Teocentrismo – a teologia calvinista se concentrou no Deus trino em sua soberania, graça e glória (MATOS, 2008, p. 156, 157).

Quando Calvino chegou a Genebra em 1536, a cidade havia abraçado a Reforma sob a liderança de Guilherme Farel, que o convenceu, sob ameaças com castigos de Deus a permanecer ali e ajuda-lo no ministério cristão. Devido a divergências com as autoridades locais, os dois foram expulsos. Calvino foi para Estrasburgo onde permaneceu de 1538 até 1541. Depois de insistentes convites, Calvino fez o caminho de volta à Genebra e ali permaneceu até o fim de sua vida.

Quanto ao ministério do reformador em Genebra, seu trabalho incansável como pastor de almas e sua produção literária, Matos acrescenta:

Como principal ministro da igreja reformada de Genebra, Calvino desdobrou-se nas tarefas da pregação, ensino e administração. Acolheu centenas de refugiados protestantes que fugiam da perseguição em seus países, como um grupo de britânicos que incluía John Knox. Manteve volumosa correspondência com governantes, líderes da Reforma, pastores e cristãos comuns, contribuindo para o fortalecimento e ampla difusão da fé reformada. Dedicou-se de modo especial a leitura e ao estudo, esforço que resultou em prodigiosa obra literária. Além das várias edições das Institutas e de numerosas cartas e sermões, escreveu comentários de quase todos os livros da Bíblia, além de tratados apologéticos e doutrinários. Produziu várias obras litúrgicas e catequéticas para a igreja de Genebra: Confissão de Genebra, Instrução na Fé, Ordenanças eclesiásticas, Forma de orações e Catecismo de Genebra (2008, p. 156).

Ao estudar Calvino, pode-se constatar que sua influência foi vasta na Suíça e em todas as regiões atingidas pela Reforma Protestante. Seu pensamento teológico e sua ética permeiam o campo da economia, literatura, filosofia, política, ciência e da vida em família e sociedade sem perder a sua importância com o passar do tempo. Carl Henry informa que a ética calvinista é baseada na revelação da palavra de Deus e acrescenta:

A distinção entre certo e errado não se resolve por meio de uma descoberta empírica da lei natural, como foi o caso de Aristóteles e de Tomás de Aquino, nem pelo formalismo lógico de Kant e,

certamente, nem pelo cálculo impossível do utilitarismo do maior bem para maior número, mas pela revelação de Deus nos dez mandamentos. Essa revelação vem primeiro, do ato de Deus criar o homem à sua própria imagem e dos princípios morais básicos implantados no seu coração, mais tarde violados pelo pecado; segundo, das instruções específicas dadas a Adão e a Noé, que sem dúvida ultrapassavam e expandiam a doação inata; terceiro, da revelação mais compreensiva dada a Moisés; e, quarto, dos diversos preceitos subsidiários dados no restante da Bíblia.

Nelson D. Kloosterman aponta pelo menos duas dificuldades quando se tenta escrever algo significativo sobre João Calvino e a ética cristã:

A primeira é que, assim como outros reformadores, o tratamento de Calvino acerca de moralidade encontra-se espalhado por todos os seus escritos, de modo que seus posicionamentos éticos estavam entrelaçados com suas exposições doutrinárias. Entretanto, o desafio de sistematizar o pensamento moral de Calvino foi atingido de forma muito competente por diversas pesquisas recentes ou compêndios de seu pensamento sobre ética. O segundo desafio, que surge do primeiro, está em selecionar um tema para organizar o ensino de Calvino em um sistema que ele nunca nos forneceu. Vários pesquisadores têm focado nos conceitos próximos ao cerne do entendimento moral de Calvino que podem ajudar a iluminar o relacionamento entre os temas, tais como os conceitos de igualdade, o reino de Deus ou o pacto. Outros têm arrazoado que não há nenhuma doutrina básica da qual derivar o conjunto todo da teologia de Calvino. Semelhantemente pode-se dizer que o ensinamento moral de Calvino não tem um único conceito básico que determina o todo (*In BEEKE, 2017, p. 205, 206*).

A história de Calvino é marcada pela luta contra a tirania dos governantes, contra as heresias, contra a escravatura, o combate à ociosidade, o lucro abusivo, a exploração dos trabalhadores e contra os abusos do poder do dinheiro. André Biéler informa sobre o papel reformadores para a legitimação do empréstimo a juros:

Calvino e Bucer são, com efeito, os primeiros teólogos cristãos da era moderna que, graças à grande perspicácia na análise dos mecanismos econômicos e inabalável vontade de submetê-los aos imperativos de ética que reflita a vontade Deus, legitimaram moralmente a prática do empréstimo a juros. Cercaram-no, porém, de muitas precauções e restrições, a fim de impedir que se transforme em fonte de destruição das relações sociais e liberdades humanas.

Recomendaram ao legislador assegurar, mediante lei, essa autoridade, para evitar que a liberdade desenfreada de uns destrua a preciosa liberdade dos outros (1999, p. 132).

### **3. A Influência da Reforma na Educação**

A influência da Reforma do século XVI sobre a educação é inegável. Este movimento religioso será um dos fatores importantes na ascensão de uma cultura escrita em função de algumas variáveis importantes. A igreja reformada vai definir a religião a partir de uma relação íntima e pessoal com Deus e esta comunhão com o sagrado se dará através do contato do cristão com os textos da Bíblia elevada pela reforma protestante à categoria de revelação especial, a palavra de Deus (Anderson e Chanter, 1953). Lutero mesmo empenhou a sua vida na tradução da Bíblia para a língua alemã, a fim de colocá-la nas mãos do povo. Pouco ou nada adiantava colocar a Bíblia nas mãos de um povo analfabeto, mesmo com a vulgarização dos textos escritos pela invenção da imprensa (Brentano, 1968; Lessa, 1956; Buyers, 1873).

A evangelização dos povos, imperativo da igreja reformada, não seria levada adiante sem uma estratégia de alfabetização dos leigos e educação refinada do clero. A meta reformada de abrir uma escola ao lado de cada igreja é por demais conhecida, mesmo pelos historiadores católicos para ser comentada neste texto. Desta forma, pode - se afirmar que a reforma protestante foi pioneira na popularização do ensino e na abertura de escolas populares desde os seus primórdios. (Bliss, 1897).

Lutero, em sua obra *A los magistrados de todas las ciudades alemanas, para que construyam y mantengam escuelas cristianas*, data de 1523, apresentava sua filosofia educacional na qual propunha que a educação reformada deveria ter dois grandes objetivos: preparar as crianças para a leitura da Bíblia sagrada e adestrá-los para o exercício da cidadania no governo civil.

Ao analisar o inquieto cenário do século XVI, com suas diversas alterações e incertezas no campo da política, da economia e principalmente no campo religioso, Durkheim evidenciou as transformações no âmbito pedagógico e moral deste período (1995, p.56). Transformações estas, que ocorriam por conta das profundas mudanças no modo de



produção, organização política e econômica, além das rupturas que vinham atingindo a Europa em sua ambiência medieval.

Ao estudar este contexto, Durkheim ressalva a necessidade que o velho continente requeria de uma nova visão acerca da educação e de um novo jeito de se pensar e fazer a educação. Para o sociólogo francês, são na verdade Calvino e Lutero, que a partir de uma nova abordagem teológica, irão orientar uma educação para a vida (experiência de fé, trabalho, conhecimento prático etc.), ambos, segundo Durkheim, influenciarão de uma maneira decisiva o pensamento pedagógico da modernidade. (Greggersen, 2002, p.4)

Quando Calvino chegou a Genebra, sua população girava em torno de 12.000 habitantes. Isto significa dizer que a cidade já era próspera e com um forte e estruturado comércio. André Bieler (1970) a definiu como uma Cidade que não havia proletariado urbano, ou uma classe camponesa numerosa.

Acentuamos ainda nas transformações do pensamento pedagógico ocorridas em Genebra, o processo de escolarização pós Reforma protestante. Segundo Petitat, o processo de escolarização, ou como ele mesmo descreve o primeiro “momento decisivo” da escolarização, tem seu início marcado pós século XVI. Os colégios formados a partir deste século possuíam dispositivos escolares, tais como: concentração dos cursos dentro dos estabelecimentos, gradação sistemática de matérias, programa centrado no latim e no grego, controle contínuo dos conteúdos adquiridos, supervisão e disciplina (Petitat, 1994, p.76). Para Lorenzo Luzuriaga: “A educação pública, isto é, a educação criada, organizada e mantida pelas autoridades oficiais – municípios, províncias, estados – começa com o movimento da Reforma religiosa”.

Constatamos que o próprio colégio de Genebra, foi reorganizado dividindo-se em classes que iam do alfabeto à retórica, incluindo-se aí as gramáticas das línguas, Grega e Latim, o estudo da história e da filosofia (a poesia e a dialética). Tudo isso acompanhado de um rígido controle de horários e de disciplina acadêmica e religiosa. Além das 60 horas de estudos dirigidos pelos professores, os alunos eram levados aos exercícios devocionais nas quartas-feiras de manhã onde assistiam o culto e ouviam o sermão e aos domingos participavam de dois ofícios com lições do catecismo (Jardilino, 2011, p.6).

Uma re-forma, ou uma nova forma de se ver e perceber a educação acontece de modo prático quando se estabelece sistemas de escolas mantidas e controladas pelo Estado.

Estas Escolas “são alicerçadas encima do princípio de que tanto a família, como a Igreja e o Estado deveriam ajudar não só na manutenção da Educação como assegurar que todas as crianças frequentariam as escolas, obtendo no mínimo uma educação elementar” (Monroe, 1983).

De acordo com Botto, a Academia de Genebra se destacava pelas articulações que promovia entre a educação clássica e o pensamento sistemático e metuculoso dos reformadores:

Como reformador da Igreja Cristã, Calvino, em Genebra dos anos 30 do século XVI, também se destacaria para as autoridades municipais que, sendo a formação religiosa consequência da protestação da fé, deveria ser firmada uma escola, capaz de articular leitura, escrita e ortodoxia cristã [...] O calvinismo, nesse nível, apresentou-se como uma modificação nas estruturas mentais que regulavam não apenas a vida religiosa, mas o modo de estar no mundo; e, muito particularmente, a ética no trabalho. Em 1559, Calvino agregaria o ensino de algumas escolas latinas com a reunião ginásio/academia [...]. Seu propósito institucional supunha uma estratégia pedagógica calcada na preparação do espírito mediante uma estrita disciplina, metuculosamente planejada, com divisão de horários e de tarefas de instrução e de catecismo (Boto, 2001, p. 56).

João Calvino enfatizava a importância da instrução não simplesmente para estudar a Bíblia, mas também para conhecer a ordem criada por Deus. Para ele, o estudo das artes liberais era um ato de obediência cristã [...] Onde quer que tenham surgido comunidades reformadas, escolas foram solidamente estabelecidas pelas igrejas. A magnífica declaração feita pelos puritanos da Nova Inglaterra ao fundar Harvard é um monumento à tradição:

Após haver Deus nos trazido salvos à Nova Inglaterra e termos construído as nossas casas, providenciado o necessário para nosso sustento, erguido lugares apropriados para cultura a Deus e instalado o governo civil, uma das coisas que, em primeiro lugar, almejávamos e buscávamos era melhorar a instrução e perpetuá-la para a posteridade, rezeando deixar para as igrejas, quando o ministério atual estivesse sob as cinzas, um ministério iletrado (Leith, 1996, p. 347-348).

Tanto o currículo como a pedagogia em Genebra antes da Reforma Protestante seguiam os currículos medievais, como em toda a Europa. Em 1559, Calvino e Teodoro de Béze o restauraram tornando público o ensino deste colégio para o serviço do Citoyen

(cidadão). Foi deste o modelo que se espalhou para a constituição de colégios protestantes na Europa dos séculos seguintes.<sup>2</sup>

Alistar Mcgrath escreve que o programa de João Calvino envolvia “a promoção ativa de uma vida excelente por meio da exaltação da virtude”. Nas palavras da pesquisadora Jamilly da Cunha Nicácio, reproduzindo Mcgrath afirma que Calvino encorajava os líderes da cidade de Genebra a não se tornarem absortos demais com a lei e a ordem.

Eles estavam lá para estabelecer e manter um bom sistema público de educação, para encorajar uma cultura sadia e para criar, até mesmo por meio de leis, uma atmosfera que propiciasse atitudes sociais saudáveis. Ele acreditava que uma boa moral poderia ser produzida por uma boa legislação e por uma boa organização social. Segundo Jamilly:

A “secularização do trabalho” encontrada em Calvino envolvia trazer toda a esfera da existência humana para dentro do âmbito da santificação divina e da dedicação individual. Foi essa santificação da vida, da qual a santificação do trabalho representava o pilar principal, que impressionou os seguidores de Calvino. Em outras palavras uma teologia completamente comprometida com a vida. Para Alistar Mcgrath, a concepção do calvinismo passou a ser mais tarde, convergente com a do cidadão, entendendo ser possível o “santo e o cidadão juntos”, onde a educação teria papel de destaque nesta construção. (1990, 12)

Educar é para Calvino a oportunidade de o homem resgatar sua verdadeira natureza, ou como afirma na Instituição da Religião Cristã (II, II, 14), auxiliá-lo, iluminando a alma humana, adormecida no pecado em sua relação com Deus.

#### **4. A influência da Reforma na economia**

Os teólogos calvinistas, de modo geral, procuram justificar e mesmo renegar a relação do protestantismo europeu e norte americano com o surgimento do capitalismo moderno apontado por Weber (1994), e costumam argumentar afirmando que a teologia calvinista

---

<sup>2</sup> De acordo com os seus interpretes, Calvino trazendo na bagagem a experiência de docência no sistema educacional de Strasburgo, quando ali esteve exilado, ao se fixar em Genebra, dedicou grande parte de suas energias a lida educacional, criando escolas e reformando o ensino. Mesmo sem dedicar um texto específico à educação, foi nesse campo em que sua Reforma teve sucesso mais duradouro, haja vista as repercussões do calvinismo nos países da Europa ocidentais, e na América do Norte (Jardilino, 2011,p 4).

não demonstra nenhuma tendência capitalista, e não pressupõe por si só, uma ética econômica. Nisto podem ter razão. Todavia é bom lembrar que as afirmações de Weber não se fundamentam na teologia calvinista, mas sim na apropriação e nas representações sociais que a cultura protestante europeia e norte americana fizeram de algumas categorias do protestantismo, como o estilo de vida ascético, que leva o protestante a ser, ele mesmo o seu próprio convento, sua vida regada, seu culto a pureza, sua devoção metódica e racional ao trabalho.

No entanto o calcanhar de Aquiles de Weber é outro. João Calvino viveu no século XVI e Max Weber no final do século XIX e o primeiro quarto do século XX. Pode se argumentar que o acúmulo de capital sempre esteve presente às relações econômicas e sociais entre os povos, no entanto não se pode dizer que existia o capitalismo tal qual foi engendrado na Europa Ocidental e nos Estados Unidos na época de Calvino. O capitalismo era desconhecido de Calvino e da sua geração. Não se encontra nas Institutas da Religião Cristã, sua obra magna, e nem nos seus comentários das Escrituras Sagradas nenhum parágrafo defendendo o acúmulo de capital em detrimento da miséria do próximo, encontra-se por outro lado veementes assertivas sobre o amor ao próximo e a forma de expressá-lo: o trabalho em prol do bem comum.

“Na base da Reforma se encontra o problema religioso comum a todos, o problema das relações do homem com Deus e da salvação pessoal” (BIÉLER, 2012, p.115). São essas relações do homem com Deus que basicamente podem identificar toda a preocupação de Calvino com os aspectos econômicos e sociais, pois é em virtude destas relações que os homens na maioria das vezes se veem frente aos problemas da riqueza, do poder, da usura, do lucro, da posse de bens materiais, inclusive a propriedade privada, que afetam suas consciências e suas religiosidades na medida em que se associa tudo isto ao pecado e ao mal. Assim, uma leitura atenta de Calvino poderá servir de paradigma para que o homem supere esse sentimento de culpa e identifique a questão econômica como um aspecto relevante que Deus, de certa forma, deixou como legado para que o próprio homem supere seus limites.

Considerado o teólogo da Reforma Religiosa, Calvino pode ensinar a sociedade contemporânea a libertar-se dos grandes problemas políticos,

econômicos e sociais que está atravessando atualmente, não só no Brasil, mas no mundo de maneira geral. Grandes são os problemas e são de toda ordem, mas a questão política e econômica parece ser o cerne de todo esse desconforto que a sociedade vem enfrentando. São problemas criados pelos próprios homens e estão inseparavelmente ligados à sua natureza. Neste sentido, qualquer interpretação quer pela ciência, pela filosofia ou mesmo pela teologia é muito bem-vinda e por isso o pensamento de Calvino poderá contribuir sobremaneira.

Nesta perspectiva, pretende-se, neste artigo, centralizar as reflexões sobre a relação entre os homens, a sociedade e o poder instituído e compreender porque ocorrem tantas injustiças que são verificadas nas relações sociais, econômicas e políticas que envolvem o poder e o capital. É no pensamento de Calvino que se buscará uma resposta para tal concepção, especificamente no Capítulo 4, item 1 da obra de André Biéler denominado “As riquezas e o primado do poder econômico”, em que são abordados o direito de propriedade e o uso que se deve fazer das riquezas, eis o nosso desafio!

Assim, o pensamento econômico do reformador genebrino, embora originado no século XVI, é um grande alento à sociedade atual, pois, quando se trata da natureza humana, o tempo não conta. Se Thomas Hobbes no século XVII imputa à Filosofia política sua incapacidade de criar normas e regras para uma vida em sociedade que seja harmoniosa e moralmente constituída, o genebrino no século anterior não fica a dever, pois entende que para uma vida socialmente plena é indispensável seguir os verdadeiros preceitos bíblicos, porque ali está a verdadeira dimensão humana, ali está o retrato fiel de sua natureza. Na Bíblia está a verdadeira causa porque os homens foram desvirtuados e só conhecendo a palavra de Deus poderá ser encontrada uma resposta para esses graves problemas que os afetam.

Durante anos o pensamento de Calvino foi acusado, especialmente por Max Weber, de atender ao capitalismo, inclusive um capitalismo sem limites e neste texto pretende-se corrigir essa inveracidade e colocar Calvino na sua

verdadeira rota em que compreende, sim, uma relação entre a comunhão espiritual e os bens materiais, porém condena a liberalidade na aparência de certos indivíduos que na prática não percebem a pobreza e a miséria que circundam ao seu redor.

Com referência aos acontecimentos da época de Calvino, pode-se afirmar que são inseparáveis do seu pensamento. Todos os acontecimentos oriundos dos séculos XIV, XV e XVI, respectivamente, as grandes descobertas marítimas, o Renascimento Comercial e Urbano e a própria Reforma Religiosa são fatos extremamente relevantes e que são a base para o desenvolvimento do seu pensamento econômico. E assim, pode-se, sem anacronismo, trazê-lo para a nossa atualidade, pois durante séculos se omitiram da religião os problemas de ordem material e a partir de Calvino se postulou que as questões sociais e materiais da sociedade possam ser pensadas a partir da revelação bíblica. É com João Calvino que temos uma excelente reflexão, portanto, não só das questões sociais de seu tempo, mas especificamente o aspecto econômico que há poucos anos passou a ser entendido com mais afinco.

## ***5. A Reforma Protestante e sua influência nas artes visuais***

A arte foi definida como uma atividade voltada para a criação de sensações ou de estados de espírito de caráter estético, bem como a capacidade criadora de transmitir tais sensações e sentimentos. É para domar o transcendental e confortar a mente especulativa e fértil que nós precisamos das Artes, tais como da Teologia. Sendo numerosas tais atividades, convencionou-se subdividi-las em artes plásticas ou visuais, artes cênicas ou dramáticas, artes musicais, etc. As mais destacadas são a música, o teatro, a pintura, a escultura e a arquitetura.

Numa sociedade caracteristicamente pós-moderna, que vive imersa num mundo de imagens, e repleta de estímulos sensitivos, entendemos ser imprescindível investigarmos a influência da Reforma Protestante - que em 2017 comemora seus 500 anos, no que diz respeito às leituras artísticas, especialmente, nessa pesquisa, a pictórica. Para a academia, o valor desse estudo se alicerça na interdisciplinaridade das áreas selecionadas – a Reforma Protestante um evento de cunho primário espiritual-teológico e as artes visuais um de seus desmembramentos.

Os reformadores foram unânimes na apresentação do fundamento sobre o qual sua teologia seria elaborada: *Sola Scriptura* (somente a Escritura). A Escritura é a única fonte que nos mostra o que os cristãos devem crer. A Bíblia é a única regra de fé. A grande ênfase dos reformadores na Palavra como meio de comunicação da mensagem cristã fez com que as artes visuais fossem relativizadas ou até mesmo esquecidas pelos protestantes que também se mostraram reticentes em relação à pintura e à escultura por considerar que ela havia sido utilizada de modo inadequado pela igreja medieval. A ênfase na Palavra com a norma de *Sola Scriptura* exigia que a Bíblia fosse lida, estudada e ensinada. Antes apenas os sacerdotes católicos possuíam tal acesso às Escrituras e os fiéis leigos, eram espectadores e apreciadores das imagens (artes visuais e esculturas) que preenchem as catedrais católicas até à atualidade.

Pesquisador da arte neste período, o Professor John Dillenberger defende a ideia de que:

"Por definição, a tradição Reformada mantinha as modalidades verbais de modo tão central que o aspecto visual foi rejeitado [...] Para a eucaristia, uma celebração simples da ceia era suficiente. Por isso, os ângulos de visão da adoração eram diferentes: todos enfocavam um único ponto, prestando atenção apenas na audição. Não havia lugar para outros sentidos - visão, paladar, olfato. A concentração devia estar apenas na Palavra por intermédio de palavras, não de visão" (DILLENBERGER, 1999, p. 190).

Enquanto a arte era “deixada de lado”, para que as pessoas pudessem ler elas mesmas as Escrituras, era preciso que fossem alfabetizadas e instruídas e os ministros da Palavra, recebessem sólida formação intelectual. Em consequência, desde o início os reformados se dedicaram à criação de escolas, como a Academia de Genebra, fundada por João Calvino em 1559 e os protestantes disseminaram o interesse pela educação e multiplicaram suas instituições de ensino não somente na Europa, mas também nos outros continentes aonde chegaram. Mas apesar da ênfase nas Escrituras que teve como decorrência desenvolvimento da Literatura, será que com o passar do tempo houve um interesse e uso das artes como forma de comunicação na mensagem protestante? Como os reformadores viam a questão das artes?

### **5.1. Reformadores, artistas e as artes visuais.**

Com a proposta de mudança nos moldes da religião cristã, a Reforma também acarretou no declínio da forma da “arte cristã” como produzida até então. Um dos efeitos imediatos foi a aversão à decoração dos templos. Enquanto a experiência sensorial no catolicismo era rica em símbolos, no protestantismo as representações físicas capazes de promover adoração e devoção eram evitadas. Ainda hoje, para quem já esteve em um local ou momento de culto católico e protestante, é fácil perceber como a arte é geralmente muito incorporada no primeiro contexto e bem pouco no segundo.

A Reforma Protestante não deixou um legado particularmente extenso nas artes visuais. A rejeição à veneração dos santos e a ênfase no estudo racional da palavra escrita fizeram que a tradição protestante se afastasse do uso das imagens. É interessante notar, no entanto, que a reação da Igreja Católica ao movimento iniciado por Lutero - a chamada Contrarreforma - teve nas artes visuais uma dimensão relevante.

A arte foi usada pela igreja católica durante séculos como poderoso recurso didático. Mosaicos, vitrais, ícones e pinturas desempenharam ao longo da história o papel fundamental de facilitar a compreensão da revelação de Deus para grande parte da população. Com a Reforma, a Igreja Católica, que há muito patrocinava as artes, redobrou sua aposta nas artes como forma de alcançar os que ameaçavam deixar o catolicismo. O fervor religioso e místico promovido pela Contrarreforma a partir do final do século XVI foi acompanhado por um grande desenvolvimento da arte sacra. A igreja buscava maravilhar e reconquistar seus fiéis. O uso exagerado de elementos decorativos nos templos deu origem ao estilo artístico denominado Barroco. Um dos destaques desta época foi o pintor italiano a pintura, o maior expoente desse período foi Michelangelo Merisi da Caravaggio, nascido em 1571 na Lombardia, no norte da Itália, mais de 50 anos depois da publicação das teses de Lutero.

Num momento em que a Igreja Católica procura formas de se aproximar dos fiéis, a pintura realista de Caravaggio ganha espaço, pois fica clara a identificação dos fiéis com os santos pintados pelo artista. O pintor passa a receber encomendas para representar cenas bíblicas em telas e painéis destinados às paredes de capelas cristãs e produz suas obras mais expressivas ao redor de 1600. Caravaggio se aprofunda na técnica da pintura barroca e desenvolve um jogo de claro e escuro que dá à tela uma dramaticidade teatral. O espectador



é assaltado por uma obra que o envolve. Com habilidade incomum, o artista representa vívidos estados emocionais em personagens com grande expressividade facial e corporal.

Retomando a Reforma Protestante, grande parte da recusa protestante em fazer arte de cunho religioso pode ser explicada pela proibição da criação de ídolos. Mas alguns viam a criação de imagens de outra forma. A ênfase desse mandamento está na repreensão à adoração dos ídolos, o que atribuía a ícones materiais a glória que era devida somente a Deus.

“Onde, porém, imagens ou estátuas são produzidas sem idolatria, então a fabricação delas não é proibida”, disse Lutero em seu escrito *Contra os Profetas Celestiais, em 1525*. “Meus confinadores devem também deixar-me ter, usar, e olhar para um crucifixo ou uma Madonna (...) Contanto que eu não os adore, mas apenas os tenha como memoriais (LUTERO, 1525 p.86,88)”.

Mesmo com Lutero, um dos expoentes da Reforma Protestante, tendo uma visão clara sobre o papel e a presença da arte na igreja, outro dos efeitos imediatos do movimento foi o de que muitas das manifestações de cunho religioso, como estátuas, vestes, murais, vitrais e manuscritos ilustrados foi destruída e queimada por protestantes por toda Europa. O estudioso das obras de Shakespeare, G.B. Harrison, afirma que “A reforma, sob o comando de Eduardo VI foi o pior desastre artístico que já aconteceu na Inglaterra. (...) Além disso, a demanda dessas obras de arte subitamente cessou e as tradições de gerações de artesãos se perderam” (HARRISON,1939).

Durante o período em que estava no centro do poder europeu, a igreja de Roma foi a maior patrocinadora da pintura e da escultura. Artistas como Rafael e Michelangelo, ambos entre o fim do século 15 e início do 16, produziam diversas obras por encomenda com temas explicitamente religiosos para adornar os templos, lugares de adoração, funerais ou atividades eclesíásticas. No contexto da época, as telas e vitrais presentes nesses locais não eram apenas belos, mas funcionavam como uma espécie de liturgia visual, apresentando à criação do homem, o nascimento de Cristo, a via *crúcis* e outras narrativas sagradas para aqueles que não tinham acesso ao texto bíblico e nem conheciam o latim, língua na qual as cerimônias eram realizadas. É válido questionar várias das engrenagens que moviam esse sistema, mas desvalorizar as tradições artísticas nele presentes chega a ser desonesto.

Com a autoridade do catolicismo enfraquecida, seu potencial de atuação como benfeitor de artistas foi reduzida. Sem um forte discurso religioso contrário ao acúmulo de riquezas, as encomendas aos artistas passaram a ser de obras com temas de interesses pessoais, como retratos e paisagens. As experiências diárias dos cristãos comuns da Europa, antes dificilmente retratadas nas obras artísticas, passaram a também ter seu lugar.

A afirmação dos reformadores de que Cristo era senhor não apenas nos períodos de oração, adoração e estudo bíblico, mas sobre todas as coisas, legitimava a reivindicação dos aspectos não religiosos da vida para Deus, o que trouxe uma nova perspectiva ao que poderia constituir uma "arte cristã". Assim, realizar obras para Deus não significava produzir telas, artefatos e qualquer tipo de manifestação artística que apresentasse ligação direta com temas religiosos ou com o momento de culto, mas sim produzir tais expressões de arte para glorificar o nome de Cristo.

Talvez os artistas mais associados com a Reforma sejam Lucas Cranach, o Velho (1472-1553), e seu filho, Lucas Cranach, o Jovem (1515-86), que tinham um ateliê em Wittenberg. Cranach foi amigo chegado de Lutero e criou expressões clássicas da teologia reformada, tais como o "Passional Christi et Antichristi" e a "Alegoria da Lei e do Evangelho". Estudos de Bonnie Noble (2003; 2006) acerca dos retábulos elaborados por Cranach apontam sua diferença acentuada em relação aos retábulos medievais católicos. Enquanto ornamentações católicas enfocavam os santos e a celebração de uma missa distante do povo, o "Retábulo de Wittenberg" (1547) retrata a Ceia do Senhor como um ato comunal com a congregação em vez de um sacrifício sacerdotal. Cidadãos reais da cidade foram usados na estrutura ornamental, incluindo Lutero, Melanchthon e Bugenhagen.

O próprio Lutero, vestido como leigo, aceita o cálice do vinho, enfatizando que a ceia devia ser servida com ambos os elementos à congregação. Em um painel lateral, Melanchthon, um leigo, batiza uma criança e, do outro lado do painel, Bugenhagen, pastor da Igreja de Wittenberg, exerce poder, segurando nas mãos a chave do perdão. A parte inferior do painel, uma pintura da Ceia do Senhor, retrata a pregação de Lutero com uma Bíblia aberta, apontando para Cristo na cruz. O Cristo crucificado está no centro da pintura e a congregação local, do lado oposto a Lutero: "As personalidades retratadas no quadro e o observador confrontam um ao outro de igual para igual, isto é, representam literalmente a

mesma coisa: a Igreja - em termos de povo congregado e estrutura física - da cidade de Wittenberg" (NOBLE, 2006, p. 108).

O retábulo luterano "designava um espaço santo, porém o fazia um ritual em que tanto o clero quanto o povo celebravam o sacramento. O ornamento guiava a experiência religiosa dos espectadores não por alojar uma relíquia, operar um milagre ou inspirar uma visão, mas pelo ensino da salvação evangélica. Ainda mais importante era o fato de a imagem em si não ser santa, servindo a servindo apenas de ferramenta pedagógica, não como objeto de veneração" (NOBLE, 2003, p. 1027).

No campo pictórico, posteriormente, surgiram expressões artísticas de grande beleza influenciadas pela cosmovisão protestante. Alguns nomes conhecidos são os holandeses Jan Vermeer (1632–1675), e Rembrandt van Rijn (1606-1669). Rembrandt foi acima de tudo um pintor da Bíblia, tendo deixado cerca de 850 pinturas, gravuras e desenhos sobre temas bíblicos. Outros dois pintores holandeses merecem destaque: Frans Post e Albert Eckhout, pintores talentosos que foram trazidos ao Brasil pelo príncipe protestante Maurício de Nassau. Para registrar as realizações do seu governo, preservar em tela a paisagem e a topografia da conquista, bem como os feitos militares e a arquitetura militar e civil do Brasil Holandês, João Maurício de Nassau-Siegen contou com os serviços de um jovem pintor de Haarlem, Frans Post (1612-1680), que, juntamente com outro pintor, Albert Eckhout (c.1610 – c.1665), da Groninga, tomou para si a tarefa de registrar todos os pormenores do universo do Novo Mundo de então. Ambos - Post e Eckhout - estiveram no Brasil entre 1637 e 1644 e produziram telas de grande beleza e sensibilidade. Frans Post é considerado o primeiro artista europeu a trabalhar em terras da América, o primeiro pintor acadêmico a documentar em cores a paisagem brasileira.

A compreensão da arte como glorificação a Deus foi essencial para o contexto da arte criada por cristãos. Mesmo que não tratasse de temas explicitamente bíblicos, era possível que a arte fosse impregnada de valores do reino. O jornalista britânico Steve Turner destaca a obra do pintor holandês Rembrandt, que foi educado em uma igreja reformada e não idealizava os temas em suas obras, que retratam uma mistura de glória e queda, sendo criticado por usar lavadeiras como modelos, por exemplo. Rembrandt retratava cidadãos comuns como Jesus os retrataria, "valorizando-os por sua natureza humana e não por sua

posição social ou riqueza. Trata-os com ternura, mas com honestidade. Vê a alma por trás da pele que perde a firmeza” (TURNER, 2006).

Mas mesmo sem o compromisso com temas divinos, o relacionamento entre o Cristianismo e as artes ainda permaneceu em tensão, por conta da divisão entre o secular e o sagrado. Segundo Turner (2006), apreciar uma arte que lida com a vida diária, quando ela não apresenta relações ou conclusões explicitamente espirituais, ainda se mostrava uma tarefa de difícil assimilação. Um ponto essencial para essa discussão, abordado pelo teólogo Francis Schaeffer, influenciado pelas ideias do crítico de arte Hans Rookmaaker, que foram contemporâneos no século 20, é a noção de que uma obra de arte tem valor em si mesma. E isso primeiramente porque ela é uma obra de criatividade, que tem valor porque Deus é criador. Tal princípio pode parecer óbvio, mas ainda hoje para muitos cristãos é algo impensável, por isso sua menção, que é indispensável para que não se perca a essência da arte. Segundo Schaeffer:

Uma obra de arte tem valor e si mesma. Para alguns este princípio pode parecer óbvio demais para ser mencionado, mas, para muitos cristãos, é algo impensável. Assim, se ignorarmos este ponto, perderemos a essência da arte. A arte não é algo que simplesmente analisamos ou avaliamos por seu conteúdo intelectual. A Bíblia diz que as obras de arte no tabernáculo e no templo estavam lá pela beleza (SCHAEFFER, 2010, p.44).

Em um extremo, Ulrico Zuínglio, reformador de Zurique, proibiu a arte na igreja, mesmo a produzida por e voltada para cristãos, porque ele focava na centralidade única das Escrituras e dos sacramentos. O que é curioso, visto que ele mesmo era instrumentista e fundou a orquestra da cidade. Já João Calvino tinha o entendimento de que tudo que é verdadeiro, bom e belo no homem procede da graça de Deus. Mesmo sendo pecador, o homem não estaria inteiramente privado da graça divina que é comum a toda humanidade. Sobre haver momentos de verdade em todos os homens, mesmo na condição de pecadores, nas Institutas da Religião Cristã, Livro 2, Calvino escreve:

Quantas vezes, pois, [quando] entramos em contato com escritores profanos, somos advertidos por essa luz da verdade que neles espande admirável, de que a mente do homem, quanto possível decaída e pervertida de sua integridade, no entanto é ainda agora vestida e adornada de excelentes dons divinos. Se reputarmos ser o Espírito de Deus a fonte única da verdade, a própria verdade, onde quer que ela apareça, não a rejeitaremos, nem a desprezaremos, a

menos que queiramos ser insultuosos para com o Espírito de Deus. Ora, nem se menosprezam os dons do Espírito sem desprezar-se e afrontar-se ao próprio Espírito (CALVINO, 1985-1989, II.2.15).

Calvino relata acerca das coisas boas que são produzidas pela cultura secular, aqui ele fala sobre a literatura, mas logicamente é aplicável a outras manifestações culturais seculares proveitosas aos cristãos, como música, artes plásticas, fotografia, etc. Se o ser humano foi feito à imagem de Deus, além de amar, pensar e sentir, o homem também é capaz de criar. Nesse quesito, vale ressaltar que mesmo tendo valor em si, a arte produzida por homens nem sempre vai ser moral e intelectualmente boa, uma vez que todos estão corrompidos, o que faz com que nem toda criação seja uma nobre expressão de arte.

## **6. Considerações finais**

Estudar a Reforma Religiosa sem as obras de Calvino é inconcebível, pois como teólogo e conselheiro da cidade de Genebra fez importantes contribuições em várias áreas e foi o que esta pesquisa tentou demonstrar. É evidente que João Calvino, sem apreço aos extremismos, não poderia ser enquadrado como um defensor da política econômica liberal, a chamada *laissez-faire* e muito menos um apoiador do estatismo, como a moderna esquerda cristã tenta aventar.

Longe dos extremos, Calvino, como teólogo, idealizou importantes reflexões em matéria econômica tendo na maioria das vezes as Sagradas Escrituras como referência para suas fundamentações e por isso suas questões são eminentemente práticas. Neste sentido, absorveu e refletiu demais sobre o pensamento social cristão do seu tempo e, talvez por isso, algumas vezes tinha razões para pedir uma intervenção dos governos na economia e outras vezes via a legitimidade dos negócios livres entre seus concidadãos. Esse é o pensamento calvinista, ou seja, às vezes faz severas críticas aos empresários pela ganância e o acúmulo de bens, chamando-os de ladrões, e outras vezes se opunha à retirada forçada de bens dos ricos para ceder aos pobres.

Aliás, sobre a questão da justiça, João Calvino é exemplar em sua fundamentação na medida em que compreende o papel que cabe aos ricos e

pobres neste mundo. Ele praticamente transforma uma exigência moral, que é repartir os bens com os que não têm, como se fosse uma obrigação legal. Há em Calvino uma distinção clara entre a interpretação religiosa da justiça e a justiça civil/legal, no entanto, apela para a observação à lei civil sem desconsiderar o papel preponderante da lei espiritual. Enfim, para Calvino a caridade não dispensa a justiça, ou seja, não se deve em nome de Deus, evocando misericórdia, retirar obrigatoriamente de uns para passar para outros, isso não é justiça, e sim iniquidade.

Outro aspecto que merece destaque no pensamento econômico de Calvino diz respeito à usura. Diferentemente da interpretação medieval, Calvino compreende que o dinheiro em si não era estéril, isto é, que o dinheiro não poderia gerar retorno, na verdade ele entendia que o lucro é possível e que não está no dinheiro, mas no retorno que advém do seu uso. Em outros termos, Calvino não condena o lucro, mas critica sua cobrança sobre as pessoas mais pobres e, como bom defensor do poder do Estado, os cidadãos deveriam respeitar todas as leis que estipulassem o pagamento dos juros.

Enfim, a importância do pensamento econômico calvinista para as gerações atuais e futuras é de extrema relevância, pois seus ideais de uma economia com uma forte preocupação com os mais pobres, sem, contudo, cometer injustiças com os mais agraciados economicamente, foram e são fundamentais para a compreensão de um mundo melhor e mais igualitário. Suas melhores contribuições dizem respeito a encarar este mundo como um lugar passageiro e que enquanto os homens por aqui estiverem devem compreender seus verdadeiros ministérios, prezando sempre pelo senso de solidariedade e justiça. Essas são fundamentais para a implementação do reino de Deus enquanto por aqui estiverem, na ânsia sempre de um dia se encontrarem no banquete celestial, onde todos, sem exceções, gozarão de felicidade eterna.

Dentro dos desdobramentos da contribuição da Reforma Protestante para a sociedade e cultura ocidental proposto por esta pesquisa, o recorte da contribuição no campo das artes plásticas procurou investigar as manifestações artísticas, em especial a das artes visuais. Visitar os lugares ícones do movimento protestante tais como a Cidades de

Genebra – onde viveu João Calvino – e Edimburgo – onde viveu João Knox – foi parte essencial da pesquisa onde foram vistas as manifestações artísticas e a influência destes dois grandes reformadores.

Em meio a restaurações, libertações, validações e amplificações nas relações entre fé e arte no período da Reforma Protestante, houve também o oposto, com restrições, destruições, proibições e divisões. E 500 anos depois ainda é possível observar vários desses conflitos na igreja protestante contemporânea. Quando o valor da obra de arte em si não é levado em consideração, os protestantes – de ontem e de hoje – caem no erro de pensar a arte apenas como uma mensagem, um meio para um fim, o que faz com que com frequência nas igrejas ela acabe reduzida à propaganda, um suporte para o evangelismo. Esse obstáculo ainda se une à equivocada percepção de que a arte só pode ter algo de cristão se for sempre explicitamente religiosa, abordando apenas temas bíblicos, histórias de mártires e alegorias de relacionamentos pessoais com Deus.

Há muito material ainda para se estudar e conhecer sobre a ética calvinista e o espaço concedido aqui não permite um olhar mais amplo sobre o tema. João Calvino viveu pela Bíblia e para a Bíblia. Priorizou Deus e a sua Palavra sem desprezar o mundo. Foi barro nas mãos do oleiro. Nele se cumpriu também a palavra de Deus dita ao apóstolo Paulo: “A minha graça te basta, porque o poder se aperfeiçoa na fraqueza” (2Co 12.9). Muitas pesquisas e publicações futuras revelarão mais e mais o fruto do seu trabalho e sua eficácia para a geração atual e as do porvir.

No que se refere à pesquisa no campo educacional, a fronteira religiosa parece um fator decisivo no tocante à posse do livro. Para os reformadores a Educação era condição indispensável para uma boa reflexão teológica.

Para Calvino a instrução é uma obrigação de todos os cidadãos, um dever da Igreja e do Estado. Assim, Calvino esmera-se na reforma do modelo educativo, levando-o a reformar o colégio de Genebra segundo os ideais humanistas, ancorados na reforma religiosa. Dando sequência ao seu pensamento inaugura a Academia de Genebra em 1539 como uma instituição organizadora da cultura, onde mais tarde seria a Universidade de Genebra.

## **7. Bibliografia**

- ARIÈS, Philippe. História social da família e da criança, 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1981.
- BEEKE, Joel R. (Org.). *Calvino para hoje*. São Paulo. Editora Cultura Cristã. 2017.
- BIÈLER, André. *A força oculta dos protestantes*. São Paulo. Editora Cultura Cristã. 1999.
- \_\_\_\_\_. O pensamento econômico e social de Calvino. São Paulo. Editora Cultura Cristã. 2012.
- \_\_\_\_\_. O Humanismo social de Calvino. São Paulo: Edições Oikoumene, 1970.
- BOTO, Carlota. A modernidade do Estado-Nação. Revista Mackenzie Educação, Arte e História da Cultura, ano 1, n. 1, 2001.
- CALVINO, J. As Institutas. Campinas, SP.; São Paulo: Luz para o Caminho; Casa Editora Presbiteriana, 1985-1989, 4v.
- \_\_\_\_\_. Institución de la religión Cristiana. 3a edición. FELiRé – Fundación Editorial de Literatura Reformada. Rijswijk, Países Baixos, 1986.
- CAMBI, F. História da Pedagogia. São Paulo: Ed UNESP, 1999.
- \_\_\_\_\_. *A Instituição da Religião Cristã*. São Paulo. Editora UNESP. Tomo 2. 2009.
- CAMPOS, Heber Carlos de. A “filosofia educacional” de Calvino e a fundação da Academia de Genebra. In: *Fides Reformata* 5/1 (2000): 41-56, p. 51.
- CARTER, James E. & TRULL, Joe E. *Ética Ministerial: Um guia para a formação moral de líderes cristãos*. São Paulo. Edições Vida Nova. 2010.
- CATEDRAL ST GILLES - St Giles' Cathedral history, disponível em: <https://stgilescathedral.org.uk/history/>
- CATEDRAL ST PIERE - «Site Archeologique de la Cathédrale Saint Pière à Genève» (em francês). disponível em: [Site-archeologique.ch](http://Site-archeologique.ch)
- CATEDRAL ST PIERE «História da Catedral no sítio oficial». disponível em: [Saintpierre-geneve.ch](http://Saintpierre-geneve.ch)
- CÉSAR, Elben M. Lenz. História da evangelização do Brasil, dos jesuítas aos neopentecostais. Viçosa: Ultimato, 2000.
- CÉSAR, W. Para uma sociologia do protestantismo brasileiro. Rio de Janeiro. Vozes, 1973.
- COSTA, Hermisten Maia Pereira Da. A Reforma Calvinista e a Educação. FIDES REFORMATATA XIII, Nº 2 (2008): 25-48.
- \_\_\_\_\_. Introdução à educação cristã. Editora Monergismo, Brasília, DF, 2013.



\_\_\_\_\_. Prefácio à tradução brasileira. In: Calvino, João. Romanos. Tradução de Valter Graciano Martins. São Paulo: Paracletos, 1997.

DALLABRIDA, Norberto. As Reformas religiosas e o nascimento da escolarização ocidental. Comunicações Piracicaba v. 25 n. 2 p. 207-223 maio-ago 2018.

DURKHEIM, E. A evolução pedagógica. Porto Alegre, RS: Artes Médicas, 1995.

\_\_\_\_\_. Educação e Sociedade. Petrópolis, Vozes, 2011.

DILLENBERGER, J. *Images and Relics. Theological Perceptions and Visual Images in Sixteenth century Europe*. Oxford: Oxford University Press, 1999.

ELIAS, Norbert. El proceso de la civilización: investigaciones sociogenéticas y psicogenéticas. Madrid: Fondo de Cultura Económica, 1989.

FERREIRA, Valdinei Aparecido. Protestantismo e Modernidade no Brasil - da utopia à nostalgia. São Paulo: Ed. Reflexão, 2010. 249p.

FERREIRA, Wilson Castro. Calvino: vida, influência, teologia. Campinas: Luz para o Caminho, 1990.

FERRARI, Márcio. Martinho Lutero o criador do conceito de educação útil. Nova Escola, São Paulo, n. 187, 2005.

FREITAS, Lourival Correia de. Filosofia da educação presbiteriana: sua função ideológica e suas possibilidades utópicas. Dissertação de Mestrado, PPGEd, Universidade Metodista de Piracicaba, 1993.

FERGUSON, Sinclair B. *et ali. Novo Dicionário de Teologia*. São Paulo. Editora Hagnos. 2016.

FOUCAULT, Michel. Vigiar e punir: nascimento da prisão, 10. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1993.

GREGGERSEN, Gabriele. Perspectivas da Educação Cristã em João Calvino. Fides Reformata, v.7, n2, 2002, p.61-83.

GARRIDO, Stella. A educação confessional protestante no Brasil. Rio de Janeiro. 2005. Pedagogia em Foco. Rio de Janeiro., ago. 2006.

HACK, O. H. Protestantismo e Educação Brasileira. Presbiterianismo e o seu relacionamento com o sistema pedagógico. Casa Editora Presbiteriana, 1985.

HARRISON, G. *Introducing Shakespeare*. Londres: Penguin, 1939.

HALL, David W. *Calvino em Praça Pública*. São Paulo. Editora Cultura Cristã. 2017.

\_\_\_\_\_. *Calvino e o Comércio*. São Paulo. Editora Cultura Cristã. 2017.

HALL, David W. & PADGETT, Marvin (Org.). *Calvino e a Cultura*. São Paulo. Editora Cultura Cristã. 2017.

JARDILINO, José Rubens Lima. Concepções da filosofia educativa em João Calvino. Revista Nures no. 17, Janeiro / Abril 2011 – <http://www.pucsp.br/revistanures> 1 Núcleo de Estudos Religião e Sociedade – Pontifícia Universidade Católica – SP ISSN 1981-156X.

KUYPER, Abraham. Calvinismo. São Paulo: Cultura Cristã, 2003.

KNUDSEN, Robert D. O calvinismo como uma força cultural. In REID, Stanford (Org). *Calvino e sua influência no mundo ocidental*. São Paulo: CEP, 1990.

LEITH, John H. A tradição reformada: uma maneira de ser da comunidade cristã. São Paulo: Pendão Real, 1997.

\_\_\_\_\_. A tradição reformada. Tradução de Eduardo G. Faria e Gerson C. de Lacerda. São Paulo: Associação Evangélica Literária Pendão Real, 1996.

\_\_\_\_\_. VELASQUES FILHO, Prócoro. Introdução ao protestantismo no Brasil. São Paulo: Loyola, 1990.

LINDBERG, C. História da Reforma: um dos acontecimentos mais importantes da História em uma narrativa clara e envolvente. Rio de Janeiro: Editora Thomas Nelson Brasil, 2017.

LOPES, A. Nicodemus. (Ed.) *Calvino e a Educação: carta de princípios* 2009. São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2009.

LUTERO, M. Aos Conselhos de Todas as cidades da Alemanha para que criem e mantenham escolas. In., *Educação e Reforma*. São Leopoldo: Sinodal, 2000.

MANACORDA, M.A. História da Educação: da antiguidade aos nossos dias. 9a ed, São Paulo: Cortez, 2001.

LUTERO, M. *Contra os Profetas Celestiais*, LW, Vol. 40. 1525.

MATOS, Alderi Souza de. *Fundamentos da teologia histórica*. São Paulo. Editora Mundo Cristão. 2008.

MONROE, P. História da Educação. 15a ed., São Paulo: Editora Nacional, 1983 (col. Atualidade pedagógica, v.34)

PETITAT, A. Produção da Escola, produção da sociedade: análise sócio-histórica de alguns momentos decisivos da evolução escolar no ocidente. Porto Alegre, RS: Artes Médicas, 1994.

NICÁCIO, Jamilly da Cunha. *Atribuindo ao céu o que é humano: a solução do neopentecostalismo para os problemas no âmbito da situação humana empiricamente dada*.

in MENDONÇA, Antonio G.; VELASQUES, Prócoro. *Introdução ao Protestantismo no Brasil*. São Paulo: Edições Loyola, 1990.

NOBLE, B. 'A work in which the angels are wont to rejoice': Lucas Cranach's *Schneeberg Altarpiece*," *SCJ* 34/4 (2003), 1011–37.

\_\_\_\_\_. "The Wittenberg Altarpiece and the Image of Identity," *Reformation* 11 (2006), 79–129.

PETITAT, André. *Produção da escola/produção da sociedade: análises sócio-história de alguns momentos decisivos da evolução escolar no Ocidente*. Trad. Eunice Gruman. Porto Alegre, RS: Artes Médicas, 1994.

REEVES, Michael. *A chama inextinguível: descobrindo o cerne da Reforma*. Brasília, DF. Editora Monergismo. 2016.

RIBEIRO, Boanerges. *Igreja evangélica e república brasileira (1889-1930)*. São Paulo: O Semeador, 1991.

\_\_\_\_\_. *Protestantismo no Brasil Monárquico (1822-1888)*. São Paulo: Pioneira, 1973.

SALVADOR, Rute. *Calvino e a Educação*. 500 ANOS: RLCR , 2012, p.141.

SANTOS, Lyndon de Araújo. *PROTESTANTISMO E MODERNIDADE: os usos e os sentidos da experiência histórica no Brasil e na América Latina*. Projeto História, São Paulo, n.37, p. 179-194, dez. 2008.

SANTOS, João Marcos Leitão. *Religião e educação contribuição protestante à educação brasileira 1860-1911*. *Tóp. Educ., Recife*, v. 17, n. 1-3, p. 113-151. 2007.

SELLARO, L. R. *A Educação e religião. Colégios Protestantes em Pernambuco, 1889-1920*. Dissertação de Mestrado. ME/UFPE, Recife, 1989

SOUZA, Silas Luiz. *Pensamento social e Político no Protestantismo Brasileiro*. São Paulo: Editora Mackenzie, 2005.

SOUSA, Rodrigo Franklin de. *Ética e Cidadania: em busca do bem na sociedade plural*. São Paulo. Editora Mackenzie. 2016.

SCHAEFFER, F. *A Arte e a Bíblia*. Viçosa: Ultimato, 2010.

SPURGEON, Charles. *C H Spurgeon Autobiography 2: The Full Harvest*. Edimburgo. The Banner of Truth Trust. 1983.

- TEIXEIRA, Anísio Spinola. Educação no Brasil. 2. Ed. São Paulo: Cia. Editora Nacional / MEC, 1976. Atualidades Pedagógicas, v. 132.
- TROELTSCH, Ernest. *El protestantismo y el mundo moderno*. Trad. Eugenio Ímaz. México, FCE, 2005.
- TURNER, S. *Cristianismo Criativo? - Uma visão para o cristianismo e as artes*. São Paulo: W4Editora, 2006.
- VALENTIN, Ismael Forte. A Reforma Protestante e a educação Revista de Educação do CogEimE – Ano 19 – n. 37 – julho/dezembro 2010.
- WALKER, W. História da igreja cristã. 3. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: JUERP/Aste, 1981. v. II.
- WEBER, Max. A Ética protestante e o espírito do capitalismo, 3. ed. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1983 (Biblioteca Pioneira de Ciências Sociais).
- VALLS, Álvaro L. M. *O que é ética*. São Paulo. Editora Brasiliense. 1995.
- VÁSQUEZ, Adolfo Sánchez. *Ética*. Rio de Janeiro. Editora Civilização Brasileira. 2017.